



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN
15 de Outubro de 2005 • Ano LXII • N.º 1607
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO
Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tribuna de Coimbra

«Desinstitucionalização»

João e o Paulo, nomes fictícios, são dois irmãos de 7 e 8 anos que acolhemos, há cerca de 4 anos, a pedido de um Tribunal da Zona Centro. Corria, então, um processo cível por maus tratos e negligência. Socorridos e acolhidos em centro temporário de emergência infantil, ao longo de dois anos, foi-se desenhando, no horizonte das suas vidas, a adopção como projecto. Resistência forte e oposição agressiva por parte dos, assim chamados, progenitores, o processo não foi avante. Porque viviam há alguns anos connosco, dois tios foram acolhidos em pacífica e concertada concordância familiar e bloqueado que fora o processo de adopção, o Juiz decidiu-se pela confiança dos menores a nós, Instituição de acolhimento prolongado, assim considerada. Resolveu-se, assim, o problema; por um lado, contornando a conflituosa oposição dos pais, que neste e em outros casos não deixa de ser um aguilhão para o Juiz, apesar da força da Lei; por outro, era uma alternativa de institucionalização humanizante, já que juntava elementos da mesma família contribuindo, assim, para o reforço dos laços afectivos. Uma solução que pareceu a todos, naquela altura, a melhor e que o tempo revelou inalterável. As crianças levaram um grande período a adaptar-se, tanto em nossa Casa como no Infantário que frequentavam. Não podíamos estranhar tendo em conta a sua fragilidade e os efeitos negativos de todos estes solavancos na sua alma. O tempo foi decorrendo e as dificuldades foram-se superando. Nos laços de carinho e amizade persistente com que foram envolvidas, estas criaturas foram renascendo entregando-se pacificamente e pacificando-se. Recuperaram paz, sossego e segurança. Tudo isto podia ter acontecido, obviamente, no seio de uma família adoptiva. Mas não foi essa a solução. O pai de ambas nunca deixou de ser uma referência, embora longínqua e ténue, inquestionável. As crianças corriam para ele. Havia laços que não se tinham desfeito. Pró-

ximos, os tios dos dois pequenos, estabeleciam a «ponte familiar». Não sabemos, de verdade, que pensar de quem afirma insensatamente que não nos devemos apegar às crianças. Não é toda a acção educativa uma transmissão de vida, uma espécie de osmose? Não depende o seu êxito do encontro interpessoal, seguro e permanente? Como é possível uma acção educativa «despedada»? Compreende-se, aqui, a necessidade de que um processo adoptivo se desenvolva com

segurança e rapidez para evitar que as crianças se transformem em bola de «ping-pong». Aconselhar o «desapego» facilita o processo, a técnica, mas não repara os danos na alma da criança, que são invisíveis.

Vem isto a propósito da chamada «desinstitucionalização» agora tão apregoada pois, que passados quatro anos de estarem connosco, volta a colocar-se a hipótese da adopção. Hipótese colocada de forma legalista sem perceber que para além das crianças há muita outra gente envolvida. O seu bem é, ou deve ser, o bem de quem com elas se compromete. É o tecido familiar. A Senhora-Mãe que dia e noite vela e aconchega e estabelece laços que perduram pela vida fora. Não

Continua na página 3

PENSAMENTO

O objectivo da minha paixão é dar uma pátria aos estrangeiros que vivem nela; dar uma lei aos deles que vivem à margem da lei, marcar lugar e pôr à mesa aos que vivem sem talher. Dentro da mesma paixão, encontrei o meu equilíbrio: Se gratuitamente me fora dado o sentido dos males alheios, gratuitamente me obriguei ao trabalho de os aliviar, porquanto, àqueles a quem muito se dá, muito se pede.

PAI AMÉRICO

Momentos

Incongruências

TEMOS, aqui em Lisboa, passado as passas do Algarve com um rapazinho que já perdeu o ano escolar, por faltas, duas vezes seguidas. O moço aborrece o estudo, as aulas, detesta o trabalho, repele o carinho e a atenção, refilando por tudo e por nada. Não nos ouve. Foge da nossa companhia e tem ligações marginais lá fora. Insubordina todos quantos o rodeiam.

Se há adolescentes difíceis, este é um deles.

De vez em quando, o pai vem vê-lo.

Na última vez falei-lhe do filho e das dificuldades, implorando que o levasse para sua casa. Nós ajudá-lo-íamos.

«De forma nenhuma. A comissão de Protecção dos Menores que mo foi buscar que o eduque» — respondeu de pronto.

Insisti, naturalmente, convencido que a voz do pai seria, nesta altura, mais influente no coração do filho que a minha.

Que não, que não, que não!...

Meu Deus, quanto sofremos!...

Educar como intuímos, como a natureza exige, a prática nos impõe e o coração nos pede, é impossível. Há obstáculos intransponíveis.

De seis em seis meses, os tribunais mandam perguntar como vão as coisas com A, B ou C ou, também, enviam as suas emissárias.

Setúbal

Assinalados para adopção

EM Fevereiro deste ano, veio cá buscar os filhos. Nove e onze anos eram as suas idades. Esta mãe, que padece de doença, nunca descansou enquanto os não levou. Porquê?

Quatro meses antes, os seus filhos, que nos haviam sido confiados, foram assinalados para adopção, por quem de direito. Caíndo na incerteza sobre o futuro deles, não sabendo mesmo se os voltaria a ver, levou-os de nossa Casa sem nosso conhecimento.

Embora distante e visitando-os pouco, esta mãe sempre os sentiu como seus. A voz do sangue não se cala nunca. Podem mesmo decorrer anos que, lá no fundo da memória, de novo se fará ouvir. Os laços que unem os progenitores a seus filhos são inquebráveis; laços de amor que só uma total rejeição se podem tornar ódio. Difícil compreender, por vezes, este amor.

A facilidade com que se pretende destinar para adopção crianças que ainda têm laços com os seus progenitores, é um erro grave. Nem uns nem outros

poderão aceitar uma situação destas que, como é óbvio, estabelece uma fractura entre todos eles. Esta separação forçada vai criar vazios impossíveis de preencher, os quais, mais tarde ou mais cedo, gritarão pela sua satisfação.

Enquanto estão connosco, o pai ou a mãe que ainda se interessam por eles, nunca os perdem. A partilha de vida é sempre possível. Mas proscrever toda a relação, é uma medida a que a alma humana não se sujeita, a não ser pela força.

Para os filhos de ninguém, decerto que está bem a adopção. Para quem conhece o pai ou a mãe e por estes é conhecido, não parece ser medida acertada. Conhecer é fazer seu, é amar.

Quando «longe dos olhos, longe do coração» se dá a diluição de laços ténues, o mesmo não podemos dizer dos laços criados na geração de um ser humano. Mudos durante certo tempo, inesperadamente gritam dando conta da sua existência.

Passaram-se sete meses, e os nossos rapazes voltaram.

Continua na página 3

Nós respondemos. É regra, sempre a dizer bem dos rapazes. Ao tribunal não se diz mal de ninguém que a justiça dos homens é tão imperfeita!

Deu-me não sei o quê. Escrevi ao senhor Oficial de Justiça para que transmitisse ao Procurador de Menores a nossa impotência perante o João. Não somos capazes. O rapaz faz-se um marginal e marginaliza outros, dentro de casa.

Esperava ser atendido, ao menos com a centésima parte da rapidez, com que alguns tribunais se aprontam a retirar das nossas Casas os rapazes que entendem, de um momento para o outro.

Esperava sim que o tribunal viesse em nosso socorro, auxílio do rapaz e lhe arranjasse um ambiente semi-vigiado e mais contido onde o João encontrasse apoio e visse rumo.

— Que isso era com a Comissão de Protecção de Menores e não com o tribunal... — Uma boa maneira de lavar as mãos!... E nos deixar à deriva!... Forma estranha que o Estado tem de assumir as suas responsabilidades e se desautorizar perante as nossas consciências! Ai de nós e dos Pobres se assim procedêssemos!

Não nos venham atirar à cara a frase atribuída ao Padre Américo: «Não há rapazes maus», por isso temos obrigação de os fazermos bons ou, ainda, se são maus, é por nossa causa. Ilações correntes e cómodas de quem nada faz.

Os Padres que, ao longo de muitas décadas, temos acompanhado rapazes desamparados, acolhidos nas Casas do Gaiato, continuamos a afirmar, a pé juntos, a mesma convicção. Não há rapazes maus, mas há alguns de mui difícil correcção a partir de determinada idade.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VIUEZ — Ao longo do ano muitas são as viúvas que aparecem aqui, lembrando maridos e familiares. Por isso, vale a pena transcrever um breve naco do boletim do «Movimento Esperança e Vida», rico de fé e tudo o mais:

«O momento em que se experimenta a viuvez, é sempre tempo cheio de dificuldades. A viúva não escolheu livremente o seu novo estado de vida; pelo contrário, sofreu a ausência de alguém com quem partilhou o mais íntimo da sua vida, com quem fez projectos, enfrentou obstáculos, com quem viveu pequenas e grandes alegrias e, na maior parte dos casos, o seu marido foi o centro de toda a sua afeição.

A viúva reconhece que esta ausência alterou brusca e radicalmente toda a sua vida.

Por isso, ela sente-se perdida, incompreendida, desvalorizada e, por vezes, com dificuldades materiais e não só, perante a solidão do presente, a incerteza do futuro que a atemoriza, tende a separar-se de todos os que a rodeiam; correndo o risco de ficar numa atitude passiva.

Assim, nesta fragilidade, e de modo natural, pressionada pelas circunstâncias, a viúva terá de enfrentar a sua nova situação, reconhecer-se e fazer-se conhecer como pessoa.

Por tudo isto, terá de se habituar à autonomia, à iniciativa, terá de ser desinibida, serena, dinâmica e empreendedora, abrindo-se à vida e aos outros, o que significa viver em vez de sobreviver. É este o desafio... não ficar de braços cruzados.

Conscientes desta realidade não nos podemos ocultar ou esconder. O Senhor permitiu que tivéssemos chegado a este novo estado de vida, importa, sim, crescermos na fé e acreditar que Deus continua a chamar-nos a seguir os Seus caminhos, 'Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida', e continua a dizer-nos 'Se alguém tem sede venha a Mim' (Evangelho S. João).

Deus chamou-nos e chama-nos para realizarmos algo de positivo na vida, por vezes queremos e não sabemos como orientar os nossos passos, para concretizar esses projectos e entrar na vontade de Deus.

Naturalmente, que precisamos de ter momentos fortes de oração frequente, alimentada pela leitura da Sagrada Escritura e exprimindo-se na participação da Eucaristia e outros actos de fé.

ÁGUA PARA CASA DOS POBRES — Afinal, houve que pagar 527,48 euros aos serviços municipalizados, pelo ramal domiciliário das quatro casas do Património dos Pobres. 105,65 euros do ramal para elas. Mais IVA, 26,22, na totalidade. Os serviços municipalizados apenas eliminaram a despesa de colocação de contador e vistoria.

POBREZA — Não vamos comentar a vida dum Pobre que caiu na miséria e, agora, uma pessoa lhe dá alimento.

Do recado que nos manda, aflito, pede «alguma mercearia para a pessoa que me está a ajudar... Só recebo 150 euros por mês e pagolhe 100. Como posso viver, estando na invalidez...?!»

PARTILHA — Assinante 75672, de Chão do Bispo (Coimbra), 20 euros, «modesta quantia, mas, de facto, a vida não me é nada favorável para que possa fazer mais, com pena minha. Ainda o mês passado passei por momentos terríveis.»

Trezentos euros, da assinante 2560, da Capital, que «já há muito tempo estava para escrever, mas as preocupações, sobretudo a doença, não me têm deixado. Nesta altura pus mãos à obra e aqui estou. O restante distribua por quem entender, sobretudo idosos, no que diz respeito aos medicamentos. Um grande 'bem-haja' por tudo o que têm feito ou proporcionado aos que precisam.»

Vinte euros, da assinante 76224, de Chãos de Baixo — Figueiró dos Vinhos.

Cem euros, do assinante 75292, de Bucelas: «Deposito nas vossas mãos esta pequena quantia para a distribuídes segundo as necessidades mais prementes dos Pobres. Se a conta da Farmácia puder esperar, outras contas que tiveres em mãos também podem esperar, sempre expresso o meu desejo de esta quantia ser para a ligação da água às moradias do Património dos Pobres», naquele tempo construídas pelo Pai Américo. Para o efeito, só para a Câmara, como afirmámos noutra lugar, pagámos mais de 500 euros.

Vinte e cinco euros, do assinante 68574, de Valbom (Gondomar).

Uma Beatriz, de algures, «com grande atraso, pois tenho estado doente, cá estou a enviar o meu contributo de Julho e Agosto. Utilizem-no como melhor entenderem.»

Por fim, 50 euros, da assinante 66345, de Coimbra.

Em nome dos Pobres, muito e muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — Antes de mais nada, queremos agradecer ao F. C. Penafiel e ao Boavista F. C. por facilitarem a entrada dos nossos Rapazes nos respectivos Estádios. Pelo primeiro, através do seu Vice-Presidente, senhor Fernando Melo; e pelo segundo, por intermédio do seu dirigente e também muito nosso amigo, senhor Tavares Rijo. A todos o nosso obrigado.

Em relação à nossa actividade desportiva, continuamos em grande. Para já, os treinos são o prato forte. Ainda no último fim-de-semana treinámos Sábado e Domingo. Como resultado dos treinos até agora efectuados, três coisas começaram a sobressair: primeiro, o entrosamento entre os atletas;



Ana Paula, de sete meses, filha da Paula e do Virgílio, neta do Quim Oliveira.

segundo, os que por qualquer coisa alegam não poder comparecer; e terceiro, começa a vir ao de cima os feitos menos bons. Uma coisa é certa: só joga quem tiver estofos para aguentar a pressão e as contradições dos jogos e dos treinos. É preciso saber dar o exemplo, ouvir e respeitar, caso contrário... não diz a cara com a careta. Para mim não é! Mas parece que para alguns, é mais fácil chamar os outros à atenção, do que cumprir a sua obrigação. Mas eu já estava à espera! Pela aragem, se vê quem vem na carruagem!... No nosso Grupo Desportivo, gostamos, compreendemos e acarinhámos todos os que querem jogar... futebol! Eu não pactuo com aquilo que hoje é muito vulgar dizer-se: «Os tempos são outros». Para mim, pão sempre foi pão; e queijo sempre foi queijo. Vamos andando e vamos vendo! Somos muitos, mas temos que falar todos uma só voz, para que tudo corra da melhor maneira. E vai correr, se Deus quiser! Senão for com A e B, é com Y e Z. É bom que cada um pense bem, no que diz e no que faz, antes de dizer ou de fazer!

Alberto («Resende»)

Santo Antão do Tojal

ESCOLA — O começo das aulas tem sido normal. Os 5.º e 6.º anos foram quase todos para Bucelas. É uma escola mais familiar, com menos gente e professores interessa-

dos. Esperamos que os rapazes amem a sua escola.

SALAS DE ESTUDO — Foram remodeladas e arrançadas. O chão raspado e envernizado e o mobiliário adaptado. São compartimentos cheios de luz e de beleza. É muito agradável estar nas salas de estudo. Foram também enriquecidas com uma casa de banho moderna para os rapazes e para os professores acompanhantes do estudo ou explicadores.

OBRAS — No grande espaço de convívio entre as casas foram recriados vários lavabos para que os rapazes não tenham de se meter dentro das casas para qualquer necessidade fisiológica, e a piscina beneficiou também de uma casa de banho para que os rapazes se eduquem nas boas regras da higiene corporal.

LANÇAMENTO DE UM LIVRO — O Abílio Pequeno lançou um livro de poesia «Correntes de Vida». Foi patrocinado pela Junta de Freguesia de Santo Antão do Tojal, a que preside o grande senhor José Júlio.

A apresentação do livro realizou-se em nossa Casa, mas teve a presença de muita gente. Entre as personalidades que discursaram salientou-se o Presidente da Associação Cultural Luso-Angolana que pôs o nome do nosso Abílio entre os grandes poetas da actualidade angolana. Parabéns ao Abílio e que a sua veia poética se aperfeiçoe e nos dê frutos.

Luís

Pai Américo

Padre do amor
Amaste o próximo
Com todo o fervor
Numa vida plena
De muito labor

Quiseste ser pobre
A pobreza ocupava-te
Era a tua Obra
A tua servidão
Era muito nobre

Por todo o lado
Tu andavas
De capa fardado
Como caminhante
Sempre ocupado

O tuguirio das encostas
E as prisões
O peso das tuas costas
Motivo da tua missão
Eram as apostas

Finda a missão
É o descanso eterno
Dos pobres o pão
Assim caminhavas
De vara na mão

Teu filho Alberto
Te manda um beijo
Estás sempre perto
No pensamento
Que está alerta

Américo Pai
ao altar irás
Pois Roma vai
Canonizar-te
Sem hesitar jamais

Assim será
Todo o mundo aguarda
E por ti ajoelherá
Foste pobre e nobre
E Deus Pai te amará

Alberto Monteiro Nunes

Setúbal

CANTEIRO — O «Lota», o «Monchique» e o «Fernandinho», andaram a cortar as flores porque já estavam grandes e secas. Depois, levantaram a terra para ela ficar mais fresca. Os canteiros em frente da Casa estão a ficar bonitos.

CÃES — O Ailton foi para a venda d'O GAIATO, uma senhora ofereceu-lhe uma cadelinha. Ele trouxe-a para Casa e depois levou-a para a Arrábida, onde estavam os rapazes a passar férias. Falaram com a D. Isaura que estava a tomar conta dos rapazes, e a senhora deixou a cadelinha ficar lá. No segundo grupo dos rapazes, voltámos a levá-la, mas já com nome: «lady». Já estamos todos cá em Casa, e agora a «lady» está contente, brinca com os rapazes que gostam dela. Do que não gosta é dos outros cães.

FUTEBOL — O «Joãozinho», da equipa do Comércio, organizou um jogo contra a Casa. Foi no dia 1 de Outubro que se realizou o desafio, no Estrelas de Algeruz. Perdemos

Moçambique

Membros Superiores dos Ministérios da Educação do Congo

FOMOS hoje visitados por um grupo de Membros Superiores dos três Ministérios da Educação que tem a República Democrática do Congo. A acompanhá-los e a servir de intérpretes, porque o meu francês já quase se desvaneceu com o tempo, membros do Ministério da Educação e da Acção Social de Moçambique.

Em princípio, só pretendiam ver as oficinas e o campo, porque já tinham visitado as Escolas Salesianas. Fiz questão que o chefe da Casa, o Sérgio Vasco, os acompanhasse numa breve visita à Aldeia, porque somos uma Obra diferente, e, depois, esperei na Capela, que é o nosso lugar por excelência de encontros, para o que mais precisassem saber. As coisas mais triviais, como quem são estas crianças, com que idade chegam e saem, que paga aos professores e quanto pagamos. Coisas de funcionários.

Nas minhas respostas fui alargando sempre o leque, informando-os que o mercado de trabalho para os nossos rapazes está muito difícil. O salário mínimo é de fome, e, por isso, apostamos na formação escolar, temos muitos em cursos técnicos, alguns a tentar a Universidade, porque, apesar de serem abandonados, vêmo-los com

os mesmos direitos e a mesma capacidade dos filhos do estrato social mais alto. O Governo está mais preocupado em formar elites universitárias, abrir vias para os grandes negócios, em estabelecer um empresariado nacional de alto coturno. Por isso, cada vez mais, se distancia dos mais Pobres para cujos o combate à pobreza absoluta não traz nada, apesar de estarem a braços com a fome, e esta mais a sida são quem realmente reduz a pobreza absoluta. Disse e disse, como se soubesse que lá é assim mesmo. Sabendo que têm guerra interna, também lhes falei do problema, aqui muito empolado na altura da paz, dos órfãos de guerra. Como conseguimos encontrar, por este país fora, as famílias a quem os entregámos.

Acima de tudo, tive de lhes dizer que o nosso viver é sofrer com os rapazes e com os Pobres, estar dentro das suas vidas, cheias de problemas, de fome, da protecção à saúde, da ignorância e da sida. Que somos uma Obra da Igreja de Portugal e que o nosso Deus (perguntaram-me a religião) nos dá força para enfrentar todas as adversidades, para fazê-los ascender a uma vida digna. Um deles estava interessado em saber quem escolheu este lugar. Res-

pondi-lhe, na nossa lógica, que foi Deus que o escolheu para os rapazes e não nós. Falei do programa Despertar e da Escola de adultos. Nem me referi ao nosso sistema de educação, que isso já o Sérgio lhes tinha explicado bem durante a visita.

Pela apresentação, que cada elemento fez de si e do cargo que ocupava nos diversos Ministérios, pelos apontamentos que tomavam nos seus cadernos, apercebi-me, como lhes disse, que eram eles realmente um coração forte de um Governo preocupado com o futuro das suas crianças abandonadas. Intimamente, porém, doía-me pensar como era possível que, noutro quadrante, onde a pureza das teorias e as magistras leis de gabinete, encrostadas de uma arrogante ignorância do ser de cada um destes por quem damos a vida, conseguem destruir em vez de levantar.

No agradecimento final, que se dignaram dar, disseram-se emocionados com tudo o que viram, que pouco foi, porque só saíram dali após mais de uma hora de diálogo, mas pedi-lhes que deixassem a emoção, que depressa passa, e levassem, antes, um interesse convicto do que é possível fazer pelos rapazes e com os rapazes. À noite, na oração, pedimos também

2-0, mas jogámos bem. Foi equilibrado pelas duas equipas, houve faltas, mas no final do jogo as equipas estavam contentes.

POMARES — Há um grupo de rapazes que vai regar as laranjeiras, as macieiras, as ameixoeiras e os pessegueiros. O tempo ainda está quente e, por isso, temos de regar, senão seca tudo.

RAPAZES NOVOS — Vieram dois para a nossa Casa. O mais velho chama-se «Amarante» e o mais novo «Mussa». Vieram de Queluz e da Amadora. Gostaram da nova Casa e da família que temos, e estão muito contentes.

Horácio

Associação de Antigos Gaiatos do Norte

DELFIN FERREIRA — O nosso Delfim Ferreira, conhecido pelo «Fominhas», na geração dos anos 50, partiu para junto do Senhor, em 4 de Outubro.

Enquanto saudável, foi ótimo colaborador, juntamente com Zé Eduardo (também já falecido) e Carlos Gonçalves, na fundação da Cooperativa de Habitação Económica e da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte.

Nunca tinha pressa em deixar o trabalho, que decidi fazer, durante

anos, como Tesoureiro, além de outras funções.

Pela sua simplicidade e seu bom humor, granjeava amizades com facilidade. Sempre pronto a ajudar os mais fracos em situações muito difíceis.

Oxalá apareçam mais *Delfins*, e que sigam o seu exemplo.

No Natal passado enviei-lhe um postal. Tempo depois, fez-nos uma visita «de médico». Vai ficar sempre na nossa memória.

Para a sua Esposa e filha, os nossos sentimentos. Desejamos que continuem a vida com coragem, nós estaremos sempre do vosso lado.

Muitos da sua geração estiveram presentes no último adeus. Em nome dos Antigos Gaiatos aqui fica o nosso desejo de que descanse em Paz.

Jorge Alvor

COMEMORAÇÃO DOS CINQUENTA ANOS DO *DIES NATALIS* DE PAI AMÉRICO

Em 16 de Julho do próximo ano, como sabes, fará cinquenta anos que Pai Américo partiu para o Pai.

Como bons filhos, assinalaremos a data em festa.

Vamos começar, desde já, a estudar e a preparar o evento. Por isso, apelamos a todos que tenham disponibilidade para que entrem em contacto connosco, pois vamos precisar de apoio e de formar grupos responsáveis pelas diversas actividades para esse dia — desde a cozinha aos divertimentos!

Podes contactar-nos através do telefone 255752285, ou escrevendo para a Associação dos Antigos Gaiatos.

Cá estamos à vossa espera.

Júlio Fernandes

Cartas

Ramo de flores

«Um cheque para a Obra da Rua. Estes euros têm uma pequena história: No jornal O GAIATO, na coluna "Património dos Pobres" foi lido o referido artigo, na nossa capela, durante a recitação do Terço, e como estávamos no mês de Maio, entendemos dar à Mãe do Céu um ramo de flores, que se traduziu nesses euros que, com certeza, irão chegar à família de que fala no artigo, ou outra que entendam. É pouco, mas dado com muito amor. O fermento também é pouco, mas leveda toda a massa.

Assinante 27409».

Professora aposentada

«Hoje, dia tão importante na Liturgia dominical para quem tem alguma coisa de sobra, em cujo número me incluo, embora não seja mais que uma professora aposentada, não quero deixar de recordar também a resposta que o Senhor deu aos que Lhe anunciaram a presença da Mãe nas Bodas de Caná.

Não quereria ajudá-los a colocar esta pequena ajuda, sabendo que têm muitas pistas para a utilizar, mas Angola e os seus filhinhos inocentes estão sempre na minha intenção, dado que me sinto, como portuguesa, alguma coisa responsável pela sua miséria.

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

somos contra a adopção, de modo nenhum. O que julgamos é que não basta decidir, com base na Lei, de modo frio e impessoal. É preciso olhar à volta, pesar todos os condicionamentos, para não cometer erros irreparáveis — para os quais não tem sido fácil encontrar culpados. Esperamos que seja encontrado o melhor caminho, pois que também não nos consideramos donos de todos os «semáforos»... Valha o «bom senso» como bom conselheiro; ele que tantas vezes tem andado arredado da filosofia da tutela ou tem sido substituído pela cartola.

Padre João

Momentos

Continuação da página 1

Os métodos usados para a sua educação foram e são inadequados, os meios onde viveram destruíram-nos, paternidade e maternidade a que a sua natureza tinha direito desapareceram e, sobretudo, o meio que os envolveu, envenenou-os.

Se o rapaz chega até nós, antes da adolescência, pode ter

passado seja o que for, ainda vamos a tempo: com o exemplo, a vida livre na aldeia, o trabalho, o desporto, os prazeres e os encantos legítimos, a formação da consciência, a catequese, a palavra de Deus, a sua graça e o nosso carinho. Mas se este desabrochar já começou ou vai a meio, muito temos que penar juntos.

Missão espinhosa que se vai levando com os olhos postos n'Aquele que por nós deu a vida e à sua maneira.

Padre Acílio

pelos crianças abandonadas do Congo e por quem veio de tão longe conhecer a nossa Casa, no interesse de levar para elas um modelo possível de trabalho.

Padre José Maria

Setúbal

Continuação da página 1

Vinham com grandes saudades desta Casa; desejosos de participar em tanta coisa boa que recordavam. Parecia que não tinham estado fora, tal o modo como, de imediato, se meteram no meio de todos, como sempre fizeram.

Somos família para os sem família. Tudo o que é possível nós damos-lhes, nós damos.

Padre Júlio

Em todo o caso farão como entenderem.

Com votos de que o Senhor continue a ampará-los a seguir a pista que o Padre Américo vos indicou e o Senhor convidou a seguir, despeço-me com pena de não ter idade para os poder ajudar de outra forma bem mais útil.

Assinante 55770».

Grande em ensinamentos

«A fim de serem pagas as quotas em falta e o restante para o que julgarem mais necessário.

É muito pouco, pois não há dinheiro que pague a satisfação que me proporciona a leitura desse "pequenino Jornal", mas grande em ensinamentos.

Assinante 22814».

Deixei de cumprir

«É a primeira vez que vos escrevo.

Faço-o com muita alegria no coração, pois, venho por este meio, enviar um cheque para a minha assinatura d'O GAIATO.

Andava bastante envergonhada, pois, devido a várias circunstâncias, deixei de cumprir o meu dever, há vários anos, e não me lembro já qual foi a última vez que paguei.

Quero por isso pedir muita desculpa e, se for possível, gostaria de ficar com o pagamento em dia.

Como não sei a importância que devo, resolvi enviar esta importância. Se sobejar, utilizarão conforme melhor entenderem.

Peço a Deus que vos dê muita saúde e ilumine o vosso caminho — para poderem continuar a fazer tanto Bem.

Agradeço muito ter continuado a receber sempre O GAIATO em minha casa, pois é um jornalzinho com uma leitura maravilhosa que nos dá conhecimento de tantas situações ingratas, e das quais são, muitas vezes, as crianças as principais vítimas.

Não é necessário enviarem nenhum recibo e pedia, já agora, o favor de mencionarem só uma pequenina nota.

Assinante 48567».

Força e coragem

«Deus vos dê forças e coragem para vencer tantos e tão difíceis problemas, como aqueles que vemos relatados nos últimos números do vosso Jornal (sem esquecer os anteriores), tendo ainda de enfrentar, quantas vezes, a ineficácia e a incompreensão das entidades oficiais que mais deviam preocupar-se com a situação dos jovens e menos com a burocracia e um rígido legalismo.

Assinante 72530».

Benguela

O primeiro emprego

CORRI e alcancei o ponto de partida para chegar à meta. Desta vez, estavam 5 rapazes à espera, com mais de 22 anos. Que quero dizer? Os pais são pessoas aflitas. E os trabalhos são dobrados, quando os filhos estão criados. A passagem para a autonomia é feita de suor e sangue. O educador é aquele que ama muito. E quem ama muito também sofre muito. É lei da vida. Por isso, pais e filhos, de mãos dadas, entram na corrida, cada um na sua pista, com um ponto de partida que é o emprego. O primeiro emprego é, sem dúvida, um passo muito importante na estrada para a autonomia dos filhos. Se é verdade para qualquer família, também é verdade para a família que a nossa Casa do Gaiato quer ser.

Eles são tantos! Já o disse, mais do que uma vez, que, cerca de 70, vão para além dos 18 anos. Vejo outros à espera dum lugar em nossa Casa. Vou apertando a porta da entrada com a tentativa, ao mesmo tempo, de abrir mais o portão da saída para a vida dos que já receberam a sua herança. É preciso pô-la, agora, a render. A primeira condição do êxito está no emprego. Por isso, canto com muita alegria na hora em que o Porto Comercial do Lobito abriu as suas portas a 5 dos nossos rapazes mais velhos. Hoje mesmo, à

hora em que escrevo estas notas, foram receber a sua guia de entrada ao serviço. Alegrai-vos comigo. Na fase da vida destes filhos, a ajuda mais nobre que pode ser prestada à Casa do Gaiato é o emprego. Assim o entendeu o Senhor Director Geral que, desde o nosso primeiro encontro, abriu o seu coração e, logo de seguida, os portões da empresa que dirige. Este é o ponto de partida, como disse no princípio. A meta está na realização pessoal de cada um, pelo cumprimento zeloso dos seus deveres. Quero vê-los alegres, mas sacrificados também, com a doação do seu esforço para o engrandecimento do País.

Estes filhos perderam tudo e todos, quando eram pequeninos. A guerra arrasou as fontes das suas vidas. A Casa do Gaiato chegou e, com ela, nasceu a esperança. Ai, quem nos dera ser sempre a esperança de salvação para a grande multidão das crianças feridas gravemente pelo abandono! Ai, quem dera não faltem nunca os corações de homens e mulheres dispostos a perder a vida por amor para a ganhar em plenitude. Não é linguagem barata, não! Só quem experimenta entende! Ontem, ao fim da tarde de domingo, um casal veio ter comigo a pedir um lugar no Infantário para o seu bebé de ano e meio. Hoje, de manhã, foi

recebido pela Ir. Albina, no meio dos outros bebés. Mais um a receber a vida do amor gratuito dum coração que quer ser tudo para eles. E tu ficas parada, porventura, e surda ao clamor de tantos filhos que não têm culpa por estar neste mundo, mas têm o direito ao teu amor de mulher e mãe?

Somos duramente interpelados, quando mergulhamos na vida que nos envolve. Parece-nos mais fácil virar as costas aos planos da Fonte da Vida e seguir os nossos. Fugir das nossas responsabilidades é uma tentação muito forte, às vezes. Sem querer, encontrei-me, agora, com o profeta Jonas que rezei na primeira Leitura da celebração deste dia. Fugiu, mas foi apanhado. E de que maneira!?

Quando terminar de vos escrever, vou partir ao encontro doutro grande responsável duma multinacional. Não vou pedir dinheiro, pois sei que não mo dão. Quero, sim, que nos entregue o projecto para algumas centenas de carteiras escolares que vão dar trabalho aos nossos rapazes nas oficinas de carpintaria e serralharia e pintura nas horas livres da escola. Foi deste alfobre que saíram os cinco que, hoje, entraram no Porto Comercial do Lobito. Escola e trabalho prático completam-se na formação integrada destes filhos.

Padre Manuel António

DOCTRINA



Turismo de aproximação,
turismo de amor!

QUANDO se tomou conta do recinto onde estamos a erguer a nossa Aldeia, escreveu-se a Alguém a pedir a construção de uma pousada semelhante às que se têm feito nos cabeços das estradas. E no corpo da carta dava-se o sentido social da nossa petição, a saber: o pessoal maior e menor da pousada seria todo recrutado entre os habitantes da Aldeia: cozinheiros, criados, chefes, porteiros, cicerones. Toda a graça. Todo o interesse. Toda a beleza. Toda a aproximação íntima, racional, verdadeira e humana entre o desventurado que quer ser erguido e o venturoso que procura erguer. Contacto. Compreensão. Riqueza. A carta ia cheia de decisão. As palavras eram catadupas — e por lá ficou.

Anossa humilde petição tinha fundamento e não estou nada arrependido de ter batido àquela porta. Oxalá hoje o estejam de me não terem aberto! Em primeiro lugar, seria uma fonte de receita e escola de trabalho. Se ele é verdade que já hoje, aos domingos, se deslocam do Porto centenas de amigos obrigando-se a carrear seus merendeiros, quantos mais não viriam sabendo que uma refeição quente os esperava? E se eles, estes nossos amigos, fazem as suas delícias em assistir ao nosso jantar, preparado e servido pelos Rapazes, que fariam se eles o comessem na pousada, preparado e servido por eles?

ISTO seria receita; forma de negociar, vivendo do nosso trabalho sem vergonhas do mundo. E seria escola. Faziam-se aqui cozinheiros, chefes e criados de mesa, tudo quanto se liga à importante indústria hoteleira. Mais. Haveria o pessoal maior de contabilidade, de compras, de gerência. Sim; escola, receita. Mas isto seria o menos. Seriam medidas somente de superfície. As de altura são as melhores e as mais difíceis de tirar. São elas que fornecem toda a grandeza à Obra. Das pousadas vê-se para muito longe. Desta, ver-se-ia para muito fundo. Seria um turismo de aproximação.

POIS se hoje os nossos amigos do Porto morrem por ter à sua mesa o punhado de vendedores que vai à cidade vender o Jornal de quinze em quinze dias; se muitos cavalheiros, nos cafés, disputam entre si os momentos de os terem à sua beira a tomar leite e a comer bolos; se tantos os físgam com perguntas; tantos os abraçam nas ruas; tantos desejariam dar mais minutos às horas só para que eles, porque os levam marcados, pudessem estar mais tempo; se isto tudo é hoje um facto, o que não seria se tivéssemos uma pousada na nossa Aldeia onde os senhores bons, nossos amigos, tivessem oportunidade de dilatar seus corações, ver as alturas da Obra, dar os bons dias à Criança, fazer turismo de amor! Oh terrível propaganda!

O. Amín: 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Utopia

ORA se peguei neste tema e o considero uma realidade possível e desejável, ainda que difícil e distante, penso que os meus Leitores (dos quais a maioria, decerto, não irá ler o livro de Tomás More) terão curiosidade, quase direi o direito de saber como era (como seria...) esse Reino onde morava a paz e a felicidade: quais os costumes, leis e instituições do povo da Utopia.

Tarefa nada fácil extrair destas oitenta páginas onde podemos encontrar respostas, aquelas que são essenciais para conhecimento do regime da vida e de governo dos Utopianos. Vamos tentar.

Deixo de parte as descrições geográficas e ambientais, apesar de estes valores, hoje muito em voga e nem sempre abordados com equilíbrio, serem ali considerados — e o escrito tem cinco séculos! Destaco neste ponto a decisão de distribuir o povo por pequenas comunidades, a maioria rurais, em que a dimensão humana não corre o risco de perder-se, como se verifica hoje na massificação característica das grandes urbes onde os seus habitantes parecem, e de certa forma são, reduzidos a formigas. Destas, eu só conheço S. Paulo, da qual,

quase vinte anos passados, ainda não esqueci a impressão colhida: uma sensação de aperto e falta de ar, quase de angústia, como se os «arranha-céus» estivessem em mina e eu na iminência de os ver cair sobre mim.

1) *Organização política*: O regime da Ilha da Utopia é uma monarquia electiva. O Príncipe eleito de entre quatro propostos (não são estes que se propõem!) depois de uma reflexão séria, prolongada, que envolveu todas as comunidades representadas pelo seu chefe, também ele eleito, exerce um mandato, em princípio, vitalício, «a menos que o príncipe seja deposto por suspeita de tentar instaurar a tirania».

Mas tudo naquela democracia verdadeiramente representativa aparece calmamente, reflectidamente, com a participação de todos os cidadãos a partir das suas pequenas comunidades, das bases como agora se diz. Não há nervosismo nem agitação eleitoral porque o povo amadurece, no seu dia-a-dia, a eleição dos que hão-de governá-lo e controla-os de perto durante a governação. Se algum prova ter sido mal escolhido, é convidado a sair e sai com toda a naturalidade, sem quesílias nem

qualquer espécie de espectáculo.

2) *«Das artes, ofícios e ocupações»*: «A agricultura é a arte comum a todos os Utopianos», mas «cada um deles aprende outro ofício como ocupação própria». Escolhe-o livremente; mas, em casos de urgência, há possibilidade de uma espécie de *requisição civil* para uma actividade mais necessária ao bem de todo o povo. Vê-se, pois, que há uma componente social forte na cultura e na prática dos Utopianos.

Uma coisa não é permitida: a ociosidade. Esta é a grande preocupação e a principal função dos chefes do povo, cada um dos quais foi escolhido por trinta famílias e as representa e as controla. E a filosofia é simples: Todos têm que trabalhar para que ninguém tenha que trabalhar demais, «do nascer ao pôr do sol, como bestas de carga»; e haja «tempo livre entre o trabalho, as refeições e o sono» que permita aos cidadãos enriquecer-se na frequência de «cursos em que podem escolher as matérias para que sentem mais inclinação», ou gastá-lo «no exercício da sua própria profissão se o seu espírito não se deleitar em ciências especulativas». O divertimento — divertimentos sadios e estimulantes da coesão entre familiares e vizinhos — tem também seu lugar honrado nos tempos livres.

E não se pense que «as seis

horas diárias de trabalho são insuficientes para produzir o necessário ao povo!» Não se pense tal à imagem do que é comum em outros países em que a ociosidade e muitos trabalhos frívolos são a ocupação de ricos e fidalgos e da criadagem que os serve. Na Utopia «o dinheiro não é senhor absoluto», não é sequer senhor! Ora aí está a chave da sabedoria deste povo pacífico e feliz!

Diríamos, em linguagem actual, que há uma gestão do património e dos bens públicos, atenta e atempada, que inteligentemente poupa muitos gastos e mão-de-obra, o que torna suficiente a disponível

sem a sobrecarregar. E sobretudo há, como fundamento do viver colectivo pacífico e feliz, esta filosofia no viver de cada um: «O objectivo das instituições sociais é unicamente que o tempo que se poupe além das ocupações e mesteres necessários à comunidade, seja aproveitado por todos os cidadãos para se libertarem da escravidão do corpo cultivando livremente o espírito. Nisto consiste para os Utopianos a felicidade de vida».

Com esta sabedoria, decerto não eram conhecidas dos Utopianos as doenças do stress!

Padre Carlos